OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 727

10 DE MARÇO DE 1899

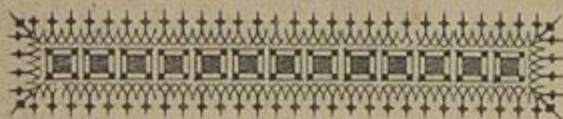
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

P. Marinho gr.

M. EMILE LOUBET — NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

CHRONICA OCCIDENTAL

Tantos dias se passam, tantas noites sobretudo, sem que um homem saiba onde procurar umas horas de distracção, que o dom de ubiquidade do thaumaturgo Santo Antonio poucas vezes nos faz inveja.

Sorte e azar de ha muito sabemos que veem em revoadas. Vieram assim d'esta vez as festas.

E quem passou de nariz torcido, muitos dias em frente da lista dos espectaculos, teve d'esta vez de deitar as unhas á cabeça, coçando-a desesperadamente no tormento da escolha.

O nariz destorcêra-se, mas abriam-se mais as ventas; os olhos, d'antes scrumbaticos, arregalavam-se agora, para a esquerda, para a direita, para baixo e para cima.

Os theatros estiveram todos em fóco no principio da semana.

Que mal não teem elles andado, vamos com Deus; mas tão falados assim, e n'um só dia, é caso para commentarios.

Effectivamente nem menos de quatro espectaculos de sensação se achavam todos a um tempo annunciados para a noite de segunda feira:—Recita em homenagem aos auctores das peças *Peraltas e Secias* e *Agulhas e Alfinetes*, nos theatros de D. Maria e da Rua dos Condes, beneficio do actor Augusto Rosa no theatro de D. Amelia, recita extraordinaria da *Bohemia* no theatro de S. Carlos.

Para quem vive suspirando por uma noite não vulgar e só em circumstancias fóra do commum se arrisca ás intemperies, o caso era para murros sobre a columna do jornal.

Marcellino Mesquita e Eduardo Schwalbach tiveram mais uma demonstração do muito apreço em que os tem o publico.

N'aquelle mesmo palco de D. Maria, em peças do mais differente genero, desde a *Leonor Telles* com que ali fez sua estreia, até á comedia *Peraltas e Secias*, tem Marcellino Mesquita triumphado sempre.

Eduardo Schwalbach ha já quatro annos que escreve as revistas para a companhia do Valle. Todas teem feito excellente carreira; a d'esta ultima annuncia-se superior a todas. A revista *Agulhas e Alfinetes* tem quadros excellentes, escriptos com aquella graça de que Schwalbach tem o previlegio.

Tambem Augusto Rosa, no theatro D. Amelia, teve uma linda festa, a que concorreram, applaudindo-o com enthusiasmo, todos os seus amigos.

E' porque, incontestavelmente, elle é dos nossos melhores artistas dramaticos, malleavel como raros, tendo criado, porque Augusto Rosa tem feito verdadeiras criações, uma notabilissima galeria de typos, que não se apagam da lembrança, tão caracterisados foram, tão nitidos em suas linhas geraes, tão cuidados nos pormenores.

Não lhe foi possivel apresentar-se n'um papel unico de peça preenchendo espectaculo; mas, por isso mesmo, pudemos applaudir uma de suas mais notaveis qualidades de actor, a facilidade das differentes caracterisações.

No *Desquite*, na *Mantilha de renda* n'aquelle inolvidavel lavrador do *Auto Pastoril Portuguez*, que trez typos tão differentes, tão artisticamente perfeitos!

O *Desquite* é peça velha, mas das melhores comedias n'um acto do enorme repertorio francez. São de alto valor os papeis dos comparsas, todos d'esta vez entregues aos melhores artistas da companhia do theatro D. Amelia e ao Taborda, sem parceiro, que só com a sua presença alegra todo um palco.

A *Mantilha de renda* é, no genero que Fernando Caldeira cultivava melhor e a todos preferia, a peça em que melhor demonstrou seu valor de poeta e de comediographo.

E' fina, perfumada, atravessada de quando em quando por um pequenino halito de sentimento, ligeira e graciosa.

Fernando Caldeira não deixou no theatro quem o substituisse n'aquelle genero tanto da sua paixão. Era um poeta de sala, escrevendo sempre de luva branca, fraze velha que a muitos poucos se poderá applicar tão justamente.

A *Mantilha*, as *Nadadoras* e a *Madrugada*, apesar de confusas todas ellas na acção, foram e continuam sendo applaudidissimas, recebendo a vida do muito sentimento, da graça, de certo lyrismo aristocratico que atravessa muitas das scenas principaes.

Depois da *Mantilha* representou Augusto Rosa o *Auto Pastoril Portuguez*. Despiu a casaca e vestiu os ceifões de pelle de carneiro, varreu da memoria os versos rescendendo essencias finas e começou recitando as redondilhas de Gil Vicente, perfumadas por quanta planta bravia enche na primavera essas charnecas de Portugal.

Aquelle Vasco Affonso que ha trezentos e setenta e trez annos contou ao poderoso rei D. João III a sua historia, o casamento infeliz, a lucta com os paes, como veio a Elvora por alvaral, e a D. João falou de um Gil, que não tinha nem ceitil, reviveu agora pela artistica interpretação de Augusto Rosa, n'uma das mais bellas criações que modernamente se hajam feito no theatro portuguez.

Mas, como se não bastassem para aguilhoar as vontades os tres espectaculos de que falámos, os cartazes de S. Carlos annunciaram para essa mesma noite uma recita extraordinaria da *Bohemia*, a opera que modernamente mais cahiu no agrado do publico.

E este, em frente dos quatro cartazes, incerto, achava-se, como o caixão de Mahomet suspenso no ar, equilibrado entre os imans, atrahido para todos os lados.

Por onde andou?... Os theatros encheram-se todos.

Queixas não faltam nunca n'essas occasiões nem diatribes contra as emprezas que não sabem pôr-se de accôrdo.

O publico talvez ainda se queixe, mas os artistas beneficiados é que d'esta vez não se queixaram.

Foram quatro espectaculos alegres; vieram alegrias mais que a pares; não ha razão para que alguem se lamente. Sempre assim fosse na vida, alegrias ás mãos cheias, tristezas raras só para que mais no fundo sombrio destacassem os traços luminosos.

E quem não tiver braços para tudo abarcar contente-se com o que a sorte aos braços lhe trouxe, que a felicidade muita vez está á mão e, só porque longe a procurámos não démos ainda com ella.

Muitos homens são como a cabra de que fala Alfonse Karr. No circulo determinado pela corda que a prende, cresce erva tenra e saborosa; e ella esgana-se na colleira, esfola os joelhos, para, com um trabalho cruel, alcançar, de beiços estendidos uma hastesinha longe, resequida mas tentadora.

Mas quem póde por muito tempo falar em alegrias, sem que as tristezas lhe não venham logo á lembrança? Ha uma lei de contrastes a que ninguem se esquiva.

Por isso, ao passo que muitos vão n'este momento, vida fóra, com os olhos no oriente, d'onde esperam o nascer d'um astro, outros, saudosos, páram no caminho, volvendo atraz um olhar para o pallido reflexo d'um sol desapparecido.

A morte do conselheiro Francisco Costa, que pelo seu passado e longa, honrada vida, merecêra a estima de quantos o conheceram, e a desventura que feriu uma familia, roubando-lhe a sua melhor esperança, o alvo dos mais ternos affectos, uma creança estremecida, Nuno Vecchi, commoveram profundamente a cidade inteira.

Um homem, que durante uma longa vida sempre cumprira o seu dever e uma criança que mal desabroxava a um sol esplendido de primavera, quiz a morte juntar. E assim se juntaram tambem as lagrimas dos filhos chorando um pae e lagrimas dos paes chorando um filho.

Dias depois uma outra nova luctuosa se espalhava por Lisboa. Fallecêra, victima da ruptura d'um aneurisma um poeta distincto, um homem estimadissimo o secretario do Lycêu, dr. José Simões Dias.

Dissemos que era um poeta distincto, devemos dizer que era dos poetas portuguezes mais notaveis, dos mais illustres cultores de genuina poesia portugueza.

Embóra muitos e differentes trabalhos na politica, na pedagogia, no jornalismo, o afastassem por vezes das letras a que tanto queria, é como poeta que Simões Dias se tornou superior, bastando para attestal-o esse magnifico livro, *As Peninsulares*, ainda ha pouco sahido dos prelos.

Doente, envelhecido antes de tempo, Simões Dias era um melancolico. Falava baixo, com um sorriso triste em que transparecia a bondade da sua alma e que logo captivava as sympathias. Era muito obsequiador, desejando contentar todos os que d'elle se approximavam. Com o ar mais simples, sabia fazer a maior fineza.

Trabalhou muito, trabalhou bem, cumpriu rigorosamente o seu dever, foi gloria das letras portuguezas. Mas nem por isso deixava de ser um triste e nem por isso deixaram de lhe pagar mal. O nome de Simões Dias não tinha a aureola que mereceu.

Ha gente assim para quem a sorte é madrasta.

Melancolico e bom, assim tinha elle de ser, portuguez e poeta, que todo o poeta portuguez só bondade e melancolia respira, cantando em tom menor saudades, amor, separações, dôres humildes, anceios vagos, luares pallidos, crepusculos da tarde.

O drama intimo, aquelle que se passa entre as paredes do lar, ás vezes apenas só dentro d'uma alma, esse é o que atrahe o poeta, esse faz gemer as cordas da guitarra, só elle.

Enredos, complicações de acção, factos encadeados ou surprezas de episodios, requintes de originalidades em deducções, nada d'isso sabe arrancar uma lagrima espontanea, nascida bem dentro do coração. Quando muito desperta o interesse ou irrita a curiosidade. Não é missão de poetas contal-o, é só dever de reporters descrevel-o.

Teem estes que trabalhar agora. Em audiencias successivas está sendo julgado nos tribunaes de Almada o famoso *Bigode*, accusado d'um assassinio, que elle pertinazmente tem negado.

Processo, questionario, depoimento de testemunhas, debates, relatorio, decisão dos jurados, sentença, tudo ha de ser descripto e discutido. É um caso rocambolesco em que se envolve uma desgraçada historia de amores, uma paixão infeliz, um affecto não partilhado.

Por causa d'isso commetteu-se um crime; com isso mesmo fez Gil Vicente as melhores scenas do seu *Auto Pastoril*.

Queremo-nos com os poetas.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

EMILE LOUBET, SUA MÃE E SUA ESPOSA

Conforme promettemos, no nosso penultimo numero, publicamos hoje o retrato de M.^{r} Emile Loubet, presidente eleito da republica franceza.

Como tambem já dissémos, assim que se conheceu o inesperado fallecimento do extincto presidente Felix Faure, foram logo convocadas as duas camaras a reunirem em Versailles para eleger o novo presidente. Ficou eleito M.^{r} Loubet, que alcançou a suprema distincção, por 483 votos contra 270, obtidos pelo sr. Méline.

Ninguem ignora quanto esta eleição foi influenciada pela politica que, no actual momento historico, se desenvolve em França.

A malfadada e irritante questão Dreyfus teve na eleição um imperio evidente. Revisionistas e anti-revisionistas se degladiaram, vencendo aquelles por grande maioria. Monsieur Emile Loubet, então presidenne do senado, manifestara-se revisionista decidido, e esta sua orientação politica grangeou-lhe as sympathias dos representantes da nobre França.

Mas, eterno defeito das cousas humanas, o que devéras agradava a uns recebia a hostilisação aberta de outros. Não foi, pois, nem podia sel-o, attentas tão oppostas circumstancias, unisono o côro de congratulações e acclamações ao advento do novo presidente. Não passaram, felizmente, de ligeiras nuvens ensombrando o horizonte da grande nação, as discussões que se deram, e os gritos subversivos que se soltaram. E' assim que a entrada de M.^{r} Loubet no Elyseu se tornou agora uma manifestação brilhante e sem discrepancias. Parece, pois, que embora o novo presidente deva a sua eleição ás condições politicas nacionaes, todo o paiz o acclama como o seu representante mais elevado, o seu chefe supremo. Apraz a todos que assim aconteça, para honra da illustre nação e dos seus filhos que, mantendo intacto o decoro d'ella, manteem egualmente a sua dignidade.

Comtudo, não se julgue que a M.^{r} Loubet escasseavam titulos que o recommendassem a ascender ao subido cargo que hoje occupa. Não são esses titulos ostensivos, porque nunca um dos presidentes da França teve mais socegados e modestos antecedentes do que M.^{r} Loubet. Se Felix Faure sahiu da mais nobre modestia, do trabalho industrial, o novo presidente eleito não teve prin-

cipios mais elevados, porque á sua vida passada de advogado em Montelimar falta a auréola de fama e de brilhantismo, que dão os acontecimentos e as causas que mais logram prender o espirito publico.

Mas vinte e tres annos de mandato legislativo abonam a segurança da sua carreira. Subindo gradualmente e successivamente os lanços da grande escada do poder, M.^r Loubet offerece a mais subida garantia no logar em que se encontra. O simples advogado de provincia seguiu sempre o caminho mais direito que do berço humilde o podia levar aos aposentos nacionaes do Elyseu. Começou por vereador municipal, maire, vereador geral, deputado, senador. Depois, membro do parlamento, alcançou varias pastas no governo. Em 1887 era ministro das obras publicas; em 1892 ministro do interior e presidente do conselho; e desde 1896 presidente do senado, e portanto sendo a segunda personagem politica do seu paiz.

Este caminhar, tão legitimo e tão normal, sem aquelles ataques subitos ou escaladas do poder, que seguiu pela hierarchia politica, não podia ser mais conforme aos principios democraticos. Seguro penhor devia assim offerecer um cidadão, que tão regularmente alcançou as eminencias da representação nacional.

M.^r Loubet conta sessenta annos de edade, é filho de um modesto proprietario rural de Marsanne (Drôme), mr. Antoine-Auguste Loubet, e viu a luz do dia em 30 de dezembro de 1838. Dos seus progenitores apenas hoje existe madame Loubet, que vive muito socegadamente na sua terra, orçando já pelos 86 annos de edade. A veneranda octogenaria é o verdadeiro typo da senhora de provincia, robusta e activa a despeito da idade avançada. Os rostos da mãe e do filho, como os leitores podem notar, reflectem-se e assemelham-se bastante. Rosto redondo, emmoldurado n'uma barba curta e prateada, o novo presidente, tem feições simples mas firmes e energicas. O seu olhar, claro, e muito vivo, a pelle levemente tostada pelo sol natal, dão-lhe uma physionomia franca, um nada maliciosa talvez, mas profundamente meridional.

A esposa do novo presidente, cujo retrato tambem publicamos, é perfeitamente digna do seu illustre marido. Em 1867, quando M.^r Loubet era apenas advogado em Montélimar, desposou M.^elle Marie Denis, de Montilienne, que então contava dezoito annos, e era filha de Mr. Denis-Picard, negociante de metaes, que falleceu em 1879.

Segundo declaram os seus compatriotas, Madame Loubet teve sempre uma delicada predilecção pela vida familiar e simples, em que criou seus dois filhos e filha. Mas, como era forçoso, tem acompanhado nobremente o esposo nas elevadissimas posições alcançadas, tanto no Luxemburgo como na praça Beauvau, onde mostrou que sabia presidir ás recepções com a mais irreprehensivel correcção e requintada delicadeza.

Agora, que o destino, elevando lhe o marido á suprema magistratura do seu paiz, lhe conferiu nobres deveres de vida official, que com elle tem que partilhar, é a primeira dama de entre as suas compatriotas.

A RAPOZA

Estamos na época em que os nossos caçadores, tão fieis observantes do tempo defezo como incapazes de se entregarem ao repouso a que elle os obriga, realisam grandes batidas ás rapozas, satisfazendo a uma vez os seus intentos venatorios e pretendendo exterminar o silvestre quadrupede, que tão nocivo é para as novas criações da maior parte da caça.

Estas batidas, que em algumas terras do paiz são methodicamente organisadas, teem os seus antecedentes n'aquellas caçadas que os nossos camponezes e pastores costumam fazer, e em que matam as rapozas, as estripam e as enchem de palha, e, no primeiro domingo, as levam para a porta da egreja da terra, onde os que entram e sahem, lhes dão como premio pelo seu feito, ovos, queijos, etc. É d'este uso que provém um dos nossos mais antigos proverbios relativos á rapoza:

«Pela semana faz a rapoza, com que ao domingo não vae á egreja», como archivou Bluteau no seu Vocabulario a pag. 108 do setimo tomo.

A designação de *rapoza*, dada pelos portuguezes a este animal, quer o nosso Duarte Nunes de Leão, na sua origem da lingua portugueza, que provenha da corrupção de *rabosa*, em razão da sua grande cauda.

A historia natural da rapoza offerece as mais interessantes noticias ácerca do astuto mamifero.

A rapoza vulgar *(vulpis vulgaris)* é a mais conhecida das diversas especies do seu genero, havendo algumas bastante curiosas, como a rapoza azul dos polos, a corsaco, a caama, etc.

É da primeira especie aquella que a formosissima estampa de Bodmer representa tão suggestivamente.

Paciente, astuta, carniceira perigosa, a rapoza desde tempos antigos que se tornou um symbolo, assaz explorado nas fabulas e nas allegorias. Quem não conhece a deliciosa fabula da rapoza e das uvas, que estavam verdes e não prestavam, e que Bocage traduziu tão graciosamente de Lafontaine?

E tudo quanto se attribue ao industrioso animal não é offensa grave que se lhe faz, porque as observações que d'elle se teem feito auctorisam as mais variadas affirmativas.

A ALLEMANHA MILITAR

APONTAMENTOS D'UM OFFICIAL NORTE-AMERICANO

(Concluido do n.º anterior)

A improencia do official, na rua, que tanto dá nas vistas ao viajante anglo-saxonio, pode comparar-se á do estudante universitário, que põe á cabeça um bonésinho do tamanho de um pires, e pavoneia-se pela rua em trajo destinado a chamar a attenção do proximo pelo seu conjuncto ridiculo O militar juvenil pavoneia-se, devido á novidade do uniforme que invergou pela vez primeira, semelhante affectação, porém, raras vezes é mantida, a não sêr por officiaes de cavalaria, recrutados na maxima parte na aristocracia abastada, e dos quaes se presume não trazerem comsigo ao exercito contingente intellectual tão importante como o que representa a officialidade de outras armas.

O alumno em Allemanha é mantido n'uma como que escravidão, desde que attinge os sete annos de edade, até ao momento em que, ou vae para a universidade ou sae official. Durante esses annos de árduo trabalho mentál, é quasi que privado de todo de qualquer ensejo de se desinvolver, quer em exercicios physicos ao ar livre, quer no tracto social.

E. pois, violentissima a transição, quando, cheirando a coeiros, como se disséssemos, se vê guindado, de subito, ao mais alto nivel de consideração social, pelo facto de lhe porem nos hombros as dragônas. O não se dar, pois, ao desfructe em mais de uma occasião, seria exigir-lhe o impossivel, e o que é decerto para admirar é o elle vencer tão depressa esta tendencia natural a todo o mancebo inexperiente.

Todos os annos, assim que chega o outôno, e se acha adiantado o trabalho das colheitas, a ponto de que as tropas possam marchar á vontade sem causar prejuizo ao lavradór, o exercito em pêso — incluindo em larga proporção as reservas, chamadas a exercicio especial de instrucção — sae a campo, como se disséssemos, em pé de guerra. Em vez de mandarem um ou dois regimentos passar meia duzia de semanas ao abrigo das barracas de lôna, os campos são de subito animados pela presença de companhias e regimentos em marcha, galgando muita vez centos de milhas para encontrar um suppôsto inimigo, tal como se estivera declarada a guerra.

Escaramuçam durante as ditas marchas com destacamentos expedidos a encontrar com elles; quer de noite, quer de dia, tem de precaver-se contra a possibilidade de um ataque eventual; tem de arranjar forragens e munições de bôcca, como se de facto estivessem em campanha; aquartéllam-se conforme pódem nas aldeias, e mais de uma vez dormem a ceu aberto, sem abrigo de qualquer espécie, e para descançar o côrpo, a terra dura, se a fortuna lhes não depára um mólho de palha.

A mobilisação annual das tropas, em todo o paiz, attinge numero não inferior a um milhão de homens, e é fonte de despêza um tanto séria; no entanto, carrégam com ella á boa feição, pois reconhecem ser o meio unico de ensinar o soldado a cumprir o seu dever, em presença do inimigo.

Todos os annos, além do numero infinito de pequenas operações de campanha, se realisa em Allemanha uma em mais vasta escála, que alli é vulgarmente designada «as grandes manobras,» e que se effectua quando as guarnições dispersas, representando pelo seu conjuncto um corpo de exercito, reunem em ordem de batalha contra outro corpo de exercito conglobado do mesmo módo. Uma companhia, desde que deixa a guarnição de que faz parte, até que vem ajuntar-se a um corpo de exercito, effectua uma marcha que regula entre duzentas e trezentas milhas, invertendo dois ou tres mezes em vencer a distancia, o que depende, aliás, das circumstancias.

O imperador assiste, em pessoa, ás grandes manobras, commandando ora um, ora outro dos dois corpos de exercito oppostos mutuamente, e verificando a efficiencia dos ramos todos do seu serviço, tão cabalmente quanto lh'o permitte a ausencia de balas no cartuchame dos soldados.

Se reflectirmos em que um simples corpo de exercito de 30:000 homens, em marcha por uma estrada, occupa extensão regulando entre trinta e quarenta milhas, ser-nos-ha facil avaliar as complicações que devem coincidir com o esforço de reunir com a rapidez necessaria tanta gente em linha de batalha, apresentando, entre os extrêmos das duas alas respectivas, distancia, talvez, de umas dez milhas.

Accrescem a tanta difficuldade, as de trazer a tempo ao alcance de cada companhia ou batalhão as munições de guerra e de bôcca, de aquartellar a gente, de lhe não faltar com a agua, de a manter em bom estado para a faina assaz ardua do dia immediato.

O official allemão não ignora que, alem da capacidade profissional, comprovada pelos exames theóricos, tanto a sua promoção como os seus creditos, em geral, estão aptos a soffrer modificações dependentes dos trabalhos que effectuar durante as manóbras do outôno. Poderá saber na ponta da lingua tudo quanto se reporta a estrategia theorica, se plantar, comtudo, a bateria a seu cargo perto ou longe de mais, se não souber occupar a verdadeira posição, se pregar, por exemplo, com uma companhia de cavallo em qualquer atoleiro, se deixar a sua gente exposta a um fôgo, de cuja acção se presuma lhes possa resultar aniquilamento; se incorrer, em summa, n'esse sem numero de êrros que poderiam, n'uma guerra a valêr, vir a ser fataes e contra os quaes não encontra deffêsa no texto dos livros, tornar-se-ha desde logo objecto de asperas censuras por parte dó generalissimo. O campo de batalha acha-se coalhado de officiaes experientes, que ali figuram tão sómente na qualidade de censôres, galopando de destacamento em destacamento, e tomando notas minuciosissimas de tudo quanto presenciam.

O grande jogo da guerra lá vae correndo, em obediencia a certas e determinadas regras, que a experiencia militar tem demonstrado serem bem estabelecidas, baseadas na pratica efficaz resultante da guerra a valer; e o official, sempre que taes regras são infringidas, o que tem a esperar é soffrer lhe as consequencias.

As tropas que participam n'estas manobras não tem conhecimento previo do paiz em que são chamadas a operar, e a officialidade, portanto, deve estar tão pratica em servir-se dos mappas e da bussola como qualquer homem do mar. É-lhes simplesmente communicado que, entre dois pontos, distantes um do outro alguns centos de milhas, ha motivos para suppor que será ferida uma batalha, — tal como se uma columna das nossas tropas recebesse ordem de marchar, em determinado dia, de Nova York para Pittsburg, tendo como unica informação que, no ultimo designado sitio, havia a esperar resistencia por parte de uma certa força. Em Allemanha, já se vê, os officiaes tem ao seu dispor os melhores mappas, — mappas na escala de uma polegada por milha. São impressos a expensas do estado e vendidos por modicissimo preço.

É uso, durante as grandes manobras, mandar o generalissimo, concluido que seja o dia de faina, tocar os clarins a reunir a officialidade em torno á sua pessoa — accudindo á chamada quantos podem vir; e por essa occasião, o commandante, communica-lhes verbalmente isso a que elles chamam a *critica*, um summario critico das occorrencias do dia, na sua generalidade. O actual imperador é reputado, muito em especial, pela proficiencia com que conduz as suas apreciações criticas; dispõe de memoria extraordinaria, e de não inferior conhecimento dos pormenores todos respectivos ao soldado, distinguindo-se alem d'isso pela energia physica, que o habilita a inspeccionar pessoalmente, e quasi que palmo a palmo, o vasto campo de batalha. Vantagem esta que torna muito mais temiveis suas discussões criticas do que as do proprio avô, o qual, nos ultimos annos de vida, se achava naturalmente impossibilitado de seguir as manobras, a não ser de modo um tanto perfunctorio.

As manobras, quer aos officiaes quer ás praças, offerecem em geral assáz diminuta recreação. Uns e outros tem de erguer-se antes do sol nado, a azáfama do dia é dura a mais não poder ser; aquartellados em curraes e choças de camponios,

tão inhospitas, quasi, como que o chão nu, ainda quando lhes sobejassem uma ou duas horas de lazer, não se encontrariam em logar azado para que as podessem aproveitar em qualquer diversão ou em convivio social, pois que o cuidado de olhar pela gente a seu cargo lhes toma o melhor do tempo, isto, sem falarmos, ainda, nos preparativos para as tarefas do dia immediato.

Estão em melhores condições, ainda assim, os que fazem parte do sequito do imperador, já na qualidade de hospedes, já na de officiaes aggregados ao estado maior, como, por exemplo, os inspectores das diversas armas, os que constituem o jury de censores, e os officiaes superiores dos outros corpos de exercito.

Concluidas as operações do dia, não lhes incumbem responsabilidades de maior, e regressam desde logo ao quartel general, em qualquer povoado, onde os espera bom aquartellamento e melhor passadio.

O imperador, por via de regra, todos os dias a gente d'essa provincia, e concorrer, d'algum modo, a modificar esses sentimentos de antipathia que os povos da ex-provincia franceza nutrem ainda para com o allemão conquistador.

A imprensa franceza insiste em propalar a ideia de que o allemão é amo sempre mais ou menos grosseiro quanto cruel, e que a Alsacia e Lorena não podem por muito tempo permanecer separadas da terra de Napoleão. Circumstancia alguma haverá que tanto concorra a minorar taes sentimentos como o facultar a esses povos o accesso junto á pessoa do chefe da nação germanica, e mostrar-lhes o cuidado paternal que elle dispensa aos seus soldados. Exerce o commando com tão consummada habilidade que, pelo menos emquanto elle viver, não apresenta grandes visos de realisação a ideia de que venham a mudar de dono a Alsacia e a Lorena.

O official allemão pouco ou nada cultiva os exercicios athleticos, ou os do *sport* quaesquer que sejam; o principal motivo é o escasseiarem-ração, educada por modo diverso do actual, afim de se ver realisada reforma tanto para desejar. O mal vem de longe, é iniciado com a educação escolar.

Em Allemanha, o rapaz, até aos desoito ou desanove, época em que, por via de regra, sáe do collegio, é meramente considerado como uma machina de moêr latim, grêgo e mathematica. Julga-se feliz se consegue obter duas ou tres horas por semana, consumidas em exercicios gymnasticos. Não lhe passa sequer pela mente que, todos os dias, deveria dedicar tres horas, quando menos, a exercicios physicos a ceu aberto. Os seus mestres erguem as mãos para o céu, horrorisados, só com a ideia de haver de se destinar á cultura physica dos seus alumnos a mesma attenção que se emprega em lhes atulhar o cérebro com sciencia morta. O meu proprio mestre, um allemão, e excellente homem, a quem devo o ter-me habilitado a entrar para a universidade de Yale, comquanto fôsse tambem professor de gymnastica, achava que

M.ME LOUBET — Mãe do Presidente da Republica Franceza

M.ME LOUBET — Esposa do Presidente da Republica Franceza

convida a jantar não só os officiaes e funccionarios mais graduados, como tambem os cidadãos mais importantes da visinhança. Aproveita o ensejo das grandes manobras, a fim de conhecer pessoalmente os individuos mais conspicuos nas diversas regiões do seu paiz, e por este meio, simples quanto efficaz, vae combinando a guerra com a politica.

A feição social das grandes manobras concorre, e não pouco, a concentrar n'um mesmo ponto gente das diversas regiões do paiz, e assim, pouco a pouco, vae apagando o ciume que existe naturalmente entre cidadãos dos differentes estados, que apenas se acham congregados desde a guerra franco-prussiana.

O anno de 1892 foi o primeiro do reinado do actual imperador em que não houve manobras imperiaes, ou grandes manobras, pelo motivo obvio de estar grassando a chólera em muitas cidades da Allemanha, e mais ainda em França, nas proximidades da fronteira allemã.

Realisam-se, de ordinario, entre outras, algumas nas cercanias de Metz, o que manifestamente tem por fim o pôr em contacto com o imperador lhe quer o dinheiro, quer o tempo, e principalmente, o tempo.

O exercicio da vista e do critério adquirido em cavalgar por montes e vales, em galgar fóssos e sébes seguindo o rasto ao gamo ou á rapôza, constituiriam, sem duvida, excellente quanto apreciavel melhoramento na educação do official allemão de hoje em dia! Os regimentos de cavalaria mais flammantes são muito dádos a corridas de cavallos, mas, por causa da despeza, limitam-se, em geral, a compartilhar taes exercicios aquelles que dispõe de meios.

E' caso assaz ráro vermos um official tomar parte em regattas, ou em outros exercicios nauticos, em jógo de pélla, *crickett*, *golf*, e nos demais recreios tendentes a desenvolver no homem a força muscular. O actual imperador tem feito quanto póde afim de popularizar e pôr á móda os exercicios do *sport*.

Avalia cabalmente as vantagens que resultariam em favor do individuo adestrado nos jógos athléticos, comparado com aquelle que dispõe apenas da instrucção profissional do militar, receio assaz, porem, que haja a esperar o advento de nova ge-era monstruoso terem os rapazes de perder duas ou tres horas por dia no jôgo da bóla, ou a remár.

O professorádo allemão em pêso, sem embargo da sua muita lealdade para com a familia Hohenzollern, nutre, a respeito do imperador, mal disfarçado despeito, devido ao desejo manifestado pelo soberano de que o alumno allemão venha de futuro a representar o prototypo da completa educação intellectual e physica.

A labutação excessiva inherente ao viver do alumno, só a avalia quem por ella passou, e é justamente por ter passado por ella que o imperador é hoje tão strenuo advogado de taes melhoramentos.

O damno causado á saude, que directamente resulta de viver tão contrario ás leis naturaes qual é o do alumno germanico, tem-se revelado mais que manifestamente, ha annos a esta parte, mediante as estatisticas publicadas; quando, porem, por este meio não fôsse, o mal torna-se mais que evidente a olhos imparciaes, na difficuldade encontrada em dispôr de individuos em condições idóneas afim de preencher o numero de officiaes nos varios corpos do exercito.

O ministerio da guérra ainda quando outra coisa não consiga do que exercer pressão sobre as corporações docentes, na direcção por nós indicada, terá mais do que justificado sua existencia; e o proprio imperador, dado o caso de que venha a fallecêr sem que haja realisado acto de maior

mero, quer em importancia. A Allemanha, ha dez annos a esta parte, tem galgado a passos de gigante o terrêno do *sport*, e não apresenta symptomas de retrocesso. Remadôres e biclystas realisam certames altamente recommendaveis; entregam-se a exercicios de *sport* sempre que se

consequencia de uma tal liberdade, o allemão venha a mostrar-se menos apto a defender o seu paiz, ou a manter o seu logar como manufactor, mercador, ou profissional de qualquer genero, em competencia com os de outros paizes.

O rapaz de escola, assim que chega a estudante

A RAPOSA

(Copia de uma agua-forte de Bodmer)

vulto do que o legar a todo e qualquer educando o direito de desenvolver simultaneamente as forças physicas e as mentaes, ter-se-ha tornado crédor de gratidão por parte, quer dos estudantes, quer de suas mães, em toda a patria allemã. Já existem alli actualmente clubs de jogo da bola, de exercicios nauticos, tanto á vela como a rêmos, e que estão destinados a augmentar, quer em nu-

lhes faculta ensejo, e no dia em que ao alumno deixarem as tardes livres para exercicios a ceu aberto, não ha motivo para duvidar de que os campos da Allemanha se apresentarão desde logo coalhados de rapazes tão activos e tão empenhados em seus jogos physicos como os de qualquer communidade anglo-saxonia na presente epoca; nem existe razão que nos leve a suppôr que, como

ou a official, dedica-se desde lógo assiduamente á esgrima no intuito de defender aquillo a que lhe apraz chamar a sua honra, e inclina-se, em extremo, á conclusão de que tão sómente ao official ou ao estudante cábe em privilegio semelhante enfeite. Esse exercicio do manejo do sábre é excellente, n'uma justa medida, a julgar, porém, pelo aspecto dos estudantes que se entregam a

tão viril exercicio, o consumo da cerveja representa, n'este cáso, tamanho contingente, que neutralisa, por assim dizer, os beneficios que lhe attribuem. A esgrima é, em geral, praticada em recintos invadidos por densa nuvem de fumo de tabáco, de poeira e humanas exhalações, e, como efficacia para o desenvolvimento physico, não soffre comparação com o jogo da bola ou com o da péla. Muito havia, certamente, de concorrer a dissipar, em Allemanha, tão disparatada abusão se aos estudantes das universidades fosse dado o medir suas proêzas, mediante a competencia a prémios de *sport* em campo aberto e exigindo prévio adestramento resultante de aturado e sevéro exercicio.

E' tal a influencia exercida pelo official no viver da nação allemã, e no *sport* em particular, que mal podemos concebêr a probabilidade de jamais se tornarem populares n'este paiz os exercicios physicos, emquanto se não desinvolver entre a officialidade a instituiçao de clubs, que façam entrar em moda o *sport*. Deve-se ao imperador o terem as coisas n'este sentido melhorado ultimamente, pois o monarcha junta ás suas prendas de jogador de pélla as de remadôr, de yachtsman, de caçador — e vêl-o-hemos, para ahi qualquer dia, provavelmente, guiando uma canôa de explorador. No dia em que as suas ideias ácerca da educação physica, quer dos rapazes, quer dos adultos, se generalisarem entre todos os seus subditos, haverá a esperar por parte da officialidade allemã desinvolvimento que a collocará em nivel muito mais elevado do que o que actualmente logrou attingir.

O soldado allemão, theoricamente falando, disfructa garantias legaes, com respeito aos seus direitos e liberdade pessoal, em nada inferiores áquellas que cabem aos seus congeneres, quer nos Estados Unidos, quer na Grã-Bretanha.

O official, seja qual for a patente, é submettido a conselho de guerra sempre que, dirigindo-se a um superior, empregou linguagem não profissional, — tal qual succede entre nós. Praticamente, comtudo, o official allemão reprehende amiude o seu boçal subordinado, administrando-lhe um bofetão, que a victima recebe com longanimidade. Esta, effectivamente, prefere o bofetão, e d'este modo, liquidar a coisa em dois minutos, a ser julgada sob forma mais legal e castigada com uns dias de calaboiço — se não forem semanas. É irascivel o allemão, como aliás o são todos os povos de grande actividade cerebral, e em momento de excitação, serve-se de linguagem um tanto inparlamentar, e administra o seu sopapo com singular rapidez. As leis que regem o exercito são estrictas quanto possivel em intimar ao superior que trate bem o soldado, insistindo muito especialmente na necessidade obvia de manter a dignidade d'este ultimo.

Quem se der ao trabalho de assistir ás manobras de qualquer corpo de exercito, francez ou russo, notará com surpreza as infindas precauções tomadas a fim de evitar que veja alguma coisa. Na Allemanha, pelo contrario, acho-me habilitado a affirmar, pelo facto de ter acompanhado as grandes manobras realisadas no presente reinado, que ninguem dá tratos ao miolo com respeito a quem possa, ou não, estar entre os espectadores. Postados a intervallos, vêem-se, não ha duvida, certo numero de policias a cavallo, cuja missão é proteger os mirones das subitas cargas de cavallaria, e manter a ordem; mas nem sequer lhes passa pela cabeça que hajam de capturar um russo ou um francez, muito embora sejam tidos como espiões.

É notorio, sempre que tropas allemãs operam na fronteira, o virem muitos officiaes francezes engrossar as filas de espectadores; ninguem ignora o serem elles officiaes francezes trajando á paisana; e effectivamente, conta-se a respeito de um certo gendarme humorista a historia seguinte: Andava desimpedindo a estrada e interpelou a turba-multa que o cercava n'estes termos: «Cavalheiros e senhores officiaes francezes, façam favor de se arredar.»

A explicação d'esta apparente indifferença das auctoridades militares allemãs no que diz respeito á inquirição dos seus actos por parte de inimigos, explica-se pela circumstancia de ellas saberem menos mal tudo quanto seus inimigos sabem com respeito aos visinhos, e de possuirem ampla certeza de que os sobreditos inimigos estão assás de bem informados ácerca dos negocios allemães. Se for declarada a guerra, estão resolvidos a confiar na superioridade da sua organisação, e, acima de tudo, na superioridade do material de que é composto o seu exercito, tanto no que diz respeito a officiaes como a soldados, e muito em especial a officiaes.

Pin-Sél.

ETERNA

Siempre el mundo asi fué; pues no es de ahora
Que Espíritu y Materia andan luchando;
Mas del choque, aun más límpida y sonora,
Sale el alma del vate triunfando.

La peña que en los mares se alza airosa,
Ni ráfaga la ofende, ni onda dura;
Que, á penas brilla el sol, aun más hermosa,
Resurge de entre espumas, y aun mas pura.

¿Que importa que la Industria altiva impere
En la tierra, y que entolde de humo el cielo?
Que en alas del vapor todo prospere,
Y tierra y mar domine su alto vuelo?

¿Acaso porque eléctrica corriente
La voz del hombre al hombre comunica,
Acaso porque reina omnipotente
La Ciencia que ve todo y todo explica,

Del suelo huyó la Musa espavorida,
Soltando á penas un humilde llanto?
¿Qué? No se ha vuelto á oir su voz, unida
Al sublime fragor de eterno canto?

¿Que? Ha muerto aquella que encantó la infancia
Del hombre, y le meció la rude cuna?
¿Aquella que es del bien pura fragrancia,
Del Universo, sol, del alma, luna?

Aquella que el celeste amor fecundo
Trajo á la tierra con la fé serena;
La flor mas bella, que al nacer del mundo,
Brotó del cielo en la mansion amena?

Aquella que, mas alta que la Suerte,
A mil generaciones vió pasar,
Corriendo una tras otra hácia la muerte,
Como corren las olas de la mar?

No muere la Poesia; y si la Ciencia,
Osada, anda arbolando luz ingente,
Es que le quiere abrir la Providencia
Los ojos, para ver unicamente,

Que, por cada secreto que desvenda,
Hay mil otros que aun no ha descubierto;
Que á tientas anda y por obscura senda;
Que todo es vago, transitorio, incierto.

Ya el hombre ha mas saber del que tenia;
Com todo sufre y pena como antes,
O pena y sufre hoy cual no solia,
Del tiempo mide y cuenta los instantes;

Quiere viver, gozar; lucha, jadea,
Con la vista suspensa en la esperanza,
En pos de una quimera, de una idea,
Que es humo, ó que entrevé, y que nunca alcanza.

En la miseria á que llamamos vida,
¿Quien (sin contar la fé, rayo celeste)
Valor infunde al alma dolorida,
Y nos ampara en nuestra via agreste?

¿Quien en aljofar lágrimas transforma?
¿Quien desahoga nuestro opreso pecho?
¿Quien con el hado injusto nos conforma?
¿Quien nos hace olvidar el mundo estrecho?

¿Quien de la patria el sacro altar levanta?
¿Al bien quien presta culto y homenaje?
¿Quien á la voz del trueno sueña y canta,
Y el cielo nos revela en su lenguaje?

¿Quien en brazos de amor nos embelesa,
O de águila en las alas poderosas,
O abeja rútila en la florida dehesa,
La miel nos brinda de fragrantes rosas?

¿Quien nos hace visible lo invisible;
Presente lo pasado y lo futuro?
¿Quien convierte en posible lo imposible,
Y el fragil barro humano en oro puro?

¿Quien? — Ella solamente, la Poesia.
¿Como puede morir si vale tanto...
Si el mundo, no teniéndola, seria
Un valle á penas de tiniebla y llanto?

¿Como, la Ciencia, material, rastrera,
Podrá ofuscar su lumbre cristalina,
Si es hija y flor de la mas alta Esfera;
Si todo abarca y nada la domina?

Cantad, cantad, oh almas inspiradas:
El mundo, como siempre, os escucha;
Y á Ciencia y Poesia, entrelazadas,
Alzad el canto, sin temer la lucha.

¿Que importa al sol, que esparce, deslumbrante,
Vida á todo y vigor y luz risueña,
Que el ave aciaga, de la noche amante,
Le huya, si él no la huye ni desdeña?

No muere la Poesia; no consumen
Siglos su claro fuego transcendente;
Con el hombre nació; del hombre es numen,
Que vivirá con él eternamente.

Y cuando expire en fin la humanidad,
En brazos de su eterea compañera,
De Dios al mando, allá, en la inmensidad,
Encontrará su patria verdadera!

(Poesia de Ramos-Coelho, versão em castelhano).

José Benoliel.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO II

II

O CASTELLO DE CARTAS

A nossa vida em Paris foi organisada por ella. Semanas antes de nossa chegada tinha eu escripto ao nosso amigo Leão de Montcalm, pedindo-lhe que nos arranjasse uns quartos. Conheceram-o antes de sua partida para o Mexico? Dava-nos lições a todos. Envelheceu procurando refinar o bom gosto parisiense. Contava eu com elle como Saladino com o genio da *Lampada maravilhosa*. Escrevi-lhe.

«Caro amigo»

«Breve chego com uma rapariga que arranquei d'uma tela de Corregio e por quem estou doido varrido. Fantasia Imperia e Mademoiselle de Fontanges com os mais lindos cabellos loiros do mundo veneziano Prepare nos a tua velha amizade um ninho de namorados em palacio digno da Princeza de Bagdad. — Não deites contas. — Depois de mim o fim do mundo! como dizia Luiz o Bem Amado. — E quem sabe se dentro d'um anno não verei o fim do seu amor d'ella? — Trata por isso do meu caixão, que seja o mais risonho, roseo, poetico e opulento que a tua imaginação oriental possa inventar para sepultura d'este amor; mas fal-o bem pequenino, que só dois lá possam caber.»

«*Um homem feliz.*»

Recebida a carta, Leão poz mãos á obra. Alugou-nos um pequenino pavilhão na Avenida da Imperatriz, mesmo ao pé do Arco do Triumpho. Arvores velhas, relvas, uma vista de panorama ao sol posto, sobre o Mont-Valérien, o bosque de Bolonha, a Avenida da Imperatriz; uma cancella sobre a Avenida, occulta por uma cortina de heras, clematites e madres-silvas, eis o exterior do ninho.

Lá dentro, havia Leão prodigalisado as delicadissimas concepções e os puros requintes da sua completa sciencia do conchego amoroso.

Não havia, porém, um mez que nos occultáramos no formoso retiro, e já Violante tudo havia mudado, transformado, metamorphoseado. Seus novos conhecimentos fizeram maravilha e Leão, que por vezes vinha dar-nos um sorriso á nossa ventura, confessava não ser ao lado d'ella mais que um velho academico das inscripções e letras.

Verdade é que a alta e rara fantasia de Violante custava-me uns cincoenta mil francos a mais; mas nem um nem outro sabiamos fazer contas — nem sequer aos dias, tão rapidos nos fugiam.

Como os passavamos nós esses dias rapidos? — Sei lá!

A dita não tem memoria, que é surda, muda e cega!

E' a melhor definição que para ella tenho achado, mas que bondade e que sabedoria em ser se cego, surdo e mudo! Aos olhos dos outros viviamos pouco mais ou menos como toda a gente. Eu conservára os meus quartos da rua Tronchet, onde ostensivamente continuava morando. Por algumas das minhas relações na sociedade internacional que campeia nos Campos Elysios, fizera apresentar Violante em algumas salas hespanholas, inglezas e americanas.

Tinha Violante o dom da musica como boa italiana e cantava como a Patti. Dei-lhe um mestre de piano que não tardou que d'ella recebesse lições. Deram-lhe de conselho que se estreiasse no Theatro Italiano. Verdi, que muitas vezes jantou comnosco, dizia-lhe:— «És a musica para quem te ouve, a harmonia para quem te vê, a melodia para quem te ama.»

III

VENEZA EM PARIS

Violante tanto se lhe dava achar-se entre mulheres de alta sociedade algum tanto decahidas, como entre as cortezãs de alta linhagem. Com umas e outras altiva, nem contra umas nem contra outras mostrava indignação. Se eu a houvéra desposado em Veneza, decerto que ella não quizera descer de seu pedestal; mas, visto que eu a condemnára a viver entre as duas sociedades, nem a uma nem a outra mostrava odio. «Bem é o que bem acaba» dizia ella sorrindo. Nunca vi mulher mais despreoccupada com o dia seguinte. Colhia a hora presente com a mais tranquilla das indifferenças. Tinha do das mulheres de má vida que fazem economias. Mais depressa conhecêra o Monte Pio do que a Caixa Economica. Mas nem para um lado nem para o outro. As Venezianas são admiraveis n'isto: vivem de nada, se nada teem; de tudo se tudo.

Quando cheguei a Paris, tive artes de disfarçar a paixão, para que Violante, a quem chamava mademoiselle Farretti, pudesse apresentar-se de cabeça erguida. Era, disse eu, uma mulher artista, uma Foscari que desejava seguir a carreira theatral e que breve se estrearia nos Italianos, senão na Scala. Foi muito bem acolhida, primeiramente por uma bella duqueza italiana, que a apresentou ao principe Napoleão como uma futura Pasta. Tudo corria bem; mas sempre segredo foi mal guardado. Commetti a tolice de a seguir de muito perto, quando ella ia á sociedade. Eu não era emprezario, nem sequer um amador; julgaram-me logo um apaixonado; reconheceram depois que era um amante. Violante não perdeu em formosura, mas do prestigio perdeu muito. Dentro em pouco, não ia á sociedade senão para cantar canções venezianas. De resto, pouco se lhe dava de que a não julgassem uma das onze mil virgens. Tinha demasiada vaidade em seu amor para d'elle poder corar.

Mas perante as adorações que a seus pés se prostravam mostrou-se uma verdadeira Lucrecia. Todos lhe offereciam o coração; mas não eram esses os acepipes que a tentavam. Detestava a *coquetterie*. Uma vez um homem muito da moda quiz convencel a de que um dia viria a ser amado por ella.

— Peço-lhe, disse-lhe, não diga que nunca me ha de amar. Dê-me pelo menos uma illusão.

— D'isso... nem dois soldos, respondeu.

Usavam-se então uns trages meio hespanhoes, meio francezes, por homenagem á imperatriz e á rainha Isabel. Estava quasi em harmonia com as modas venezianas. De resto, Violante vestia-se tão bem que nunca corria risco de dar nas vistas. Devo comtudo dizer que elle depressa se amoldára á simplicidade do vestir francez, que antes pretende esconder do que mostrar a mulher, com esses vestidos pretos de cauda, sem joias e sem enfeites. Se o brilho com esse vestido era menor, mais se ostentava a belleza. Chegou tempo em que só á franceza se vestia. O amor mais a entristecera do que alegrára. A felicidade é melancolica e não quer molduras vistosas.

Era sobretudo adoravel, quando retomava o caracter veneziano com o vestuario e a desenvoltura. Lembro-me sobretudo de certa saia côr de laranja com quatro pontos de galão preto arrendado, sobre a qual o colete de setim branco se arqueava com alas sobre as ancas soberbamente modeladas. Vestia com isto um casaco de veludo carmesim agaloado como a saia e cortado á italiana. Sobre os cabellos punha com graça infinita uma mantilha de seda hespanhola, pregada por um magnifico pente veneziano. Nunca se esquecia da rosa vermelha bem aberta em seus cabellos. Dir-se-hia que a flor ali havia desabrochado. Com que feitiçaria não brincava ella com essa mantilha, abrindo-a ou fechando-a, como se fechasse ou abrisse a porta do coração. Ia e vinha, brincando com o leque, um leque turco ou chinez com palhetas d'oiro.

Era uma visão oriental.

Levavamos a vida do amor e da amizade. Cercaram-nos de amigos a nossa mocidade, a alegria, a graça attrahente de Violante, os seus jantares, que por instantes foram celebres e em que ella reunia todas as sociedades mais ou menos alegres.

Mal notava eu que a minha pouca riqueza ia rapidamente mergulhando no abismo.

Quem nos via dizia: «São felizes.»

No bosque, na Opera, nos Italianos, por alguns salões dos Campos Elysios e da Chaussée d'Antin, um pouco por toda a parte, todos nos viam; em parte nenhuma estavamos, porém, a não ser para amigos escolhidos.

Viam-nos; mas não eramos palpaveis. Eramos apparições errantes, phantasmas nadando pelo azul.

Quando o tempo chegou em que é de mau gosto não sahir de Paris, onde já não ha velas para accender nem cavallos para rebentar, fizemos como todos; deixámos o ninho alegre para irmos... para onde? — Já quasi não sei: — Para Biarritz, Ems, Trouville. Afóra uma excursão em pleno bosque de Compiègne, só me lembra a nossa vida intima, a vida das nossas almas e corações. Que doces manhãs, que serões prolongados! Parecia-me que em nós viviamos, para nós, de nós sómente. Tudo o mais passou ante meus olhos como quadros alegres de chromatropio inglez, de que a memoria só conserva uma confusão de cores. Não sei se os outros nos viam, nós não viamos nada, tão absortos em nós mesmos andavamos. Durou isso uns seis mezes desde a nossa chegada a Paris, seis mezes, seis dias, seis minutos!

— Seis mezes com mais trez de viagens pela Italia e Provença já são nove minutos de felicidade, disse Steeple-Chase troçando.

— Podes gabar-te, disse o sr. de Lécluse a Hauteroche, de teres levado uma vida cheia. Qual de nós, em toda sua vida achará tantos minutos de ventura?

— Mas o acordar...! respondeu Hauteroche.

— Será a felicidade um somno cheio de sonhos? perguntou Baccarat.

— É talvez, disse eu, a absorção de todo o ser n'um pensamento unico — ou antes, n'uma unica sensação: — eu e ella, *ella*, o que ainda quer dizer *eu!*

— Doidices! disse Baccarat.

IV

O DUQUE DE SAN-CROCE

— Os que sem andarem namorados são entretanto felizes não mettes em linha de conta? perguntou Mario.

— A tua definição é por demais restricta, disse Baccarat. Subamos ás alturas e procuremos o cume d'onde a vista tudo abranja e onde n'uma só palavra se possa tudo synthetisar.

— Para quê? disse Hauteroche. A ventura foi para mim unico alvo, n'um só sentimento, n'uma só embriaguez. E não seria assim para todos os que haveis encontrado gosando do seu minuto feliz? Entretanto por vezes uns raios de sol illuminavam-me o futuro. Era quando me via obrigado a pensar que os meus recursos estavam quasi exhaustos, que o jogo da vespera não enchêra o vacuo da bolsa ou ainda o havia alargado. — «Depois de mim o fim do mundo!» dizia para atordoar-me. Mas logo pensava que findar-se o mundo era perder Violante!

Perder Violante! Como pensar em tal? Mil vezes me dera ella provas d'um amor eterno. Quantas horas risonhas não haviamos passado, ella a contar-me as frazes d'amor que por toda a parte a acolhiam, eu a escutar-lhe o riso franco! Palrava e era musica!

Uma noite, emquanto a criada a ajudava a despir e eu sonhava no canapé da saleta, não se fartava de brincar a respeito de quantos haviamos encontrado. De repente, meio-nua, veio ter comigo e rindo, com um riso lindo, que me parece ouvir ainda, disse-me, sentando-se á minha ilharga:

— Sabes o que me disse o Duque de San-Croce, esta noite, em casa da Condessa Riovanni?

— Que te amava?

— Sim e que, se eu quizesse voltar á Italia com elle, a Napoles, poria a meus pés cem mil escudos por anno.

— E que lhe respondeste? perguntei-lhe chamando-a a meus braços.

Poz-se seriasinha, como criança a quem a mãe ralhou.

— Senhor Duque, disse-lhe, quantos infelizes por anno podem fazer-se com cem mil escudos?

Enfiou e sumiu-se atirando-me um olhar furibundo! Parece que o caro Duque deve ter remorsos!

— Mas, disse-lhe eu, não sabes que com cem mil escudos por anno — e San-Croce pode dal-os sem pestanejar sequer — uma rainha nova como tu seria talvez feliz?

— Tanto dinheiro é preciso? — Não me amas tu e não sou eu a tua unica amada? Não sei se somos pobres; sei que todos os thesoiros e todos os duques de San-Croce d'este mundo não valem o teu amor.

(Continúa).

Faxas infantis enviadas pelo Papa a um monarcha portuguez

Na sexta feira, 14 de dezembro de 1691, foram solemnemente entregues no Paço, de Lisboa, as faxas infantis enviadas pelo Papa ao rei D. Pedro II, as quaes trouxera o nuncio, arcebispo de Damasco.

As referidas faxas vinham em duas caixas, forradas interiormente de velludo carmezim, sendo exteriormente bordadas de galão de prata, com cravos, chaves, fechaduras e argolas de prata, sendo além d'isso as referidas caixas cobertas com um tafetá alanrajado, forrado de *latina* encarnada e guarnecido de galão de prata.

Na primeira caixa havia uma grande mantilha de téla de prata, bordado a ouro de relevo e de flôres ao natural, forrada de outra téla de prata com flôres de ouro.

Duas faxas de téla de prata, bordadas a ouro, uma com as armas e cifras de Sua Santidade e de el-rei, e a outra com canotilhos de ouro, semeada de flôres, ao natural, e ambas forradas de lhama de prata com flôres de ouro.

Uma toalha grande de tafetá carmezim, guarnecida toda de uma grande renda de ouro.

Uma almofada grande, de veludo carmezim, bordada a ouro, com as armas e cifras de Sua Santidade e de el-rei.

Na segunda caixa havia outra toalha grande, de tafetá de Florença, carmezim, guarnecida com uma grande renda de ouro.

Uma faxa de lhama de prata, bordada a ouro, com flôres ao natural, e com um ovado, no meio, no qual estavam bordados, a ponto de agulha, os retratos do Papa e de S. M., forrada de téla de prata com flôres de ouro.

Outra faxa de téla de prata, bordada tambem a prata, com um ovado no meio, no qual se via representado o nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, bordado a seda e a ponto de agulha.

Duas mantilhas de pano de Inglaterra, sendo uma d'ellas escarlate, bordada de ambas as partes a ouro, tendo nos cantos quatro abelhas tambem de ouro, e a outra, branca, bordada a prata de fieira, tendo nos cantos outras quatro abelhas de prata.

Quatro lençoes de Cambray, guarnecidos á roda, de renda de Flandres e tambem guarnecidos pelas costuras.

Dois travesseiros e duas almofadinhas, guarnecidos com renda de ponto de Genova cada uma d'ellas com 20 botões de ouro, esmaltados de negro e azul.

Quatro faxas muito compridas, lavradas a ponto de Genova e quatro babadouros do mesmo pano e lavor.

Um lenço de seda, guarnecido a ponto de Genova. Duas camisas de Cambray muito finas, lavradas a ponto real, de meia vara de largo, guarnecidas por baixo, nas costuras, de uma grande renda de Genova; as voltas e punhos de *véo* de seda, lavradas do mesmo ponto com botões de ouro nos cabeções e mangas.

Duas coifas de ponto de Genova, uma de linha branca e outra de linha de côres; outras duas coifas de *véos* de seda, lavradas a ponto de Genova, uma a branco, a outra a côres.

Duas toalhas de enfaixar, de *véo* de seda, lavradas em tiras de ponto de Genova.

Duas almofadas de veludo encarnado, bordadas, cheias de ambar e outros perfumes «excellentes e suavissimos.»

Dois capilhos ou toalhas de sustentar a cabeça, de *véo* de seda, uma, de duas varas de comprido e uma de largo, lavrada a ponto de Genova, e a outra lavrada a côres.

Outro capilho ou toalha, de *véo* finissimo, de seda, de duas varas de comprido e meia de largo, lavrada, de mesma maneira, a branco.

Estas faxas e mais objectos foram conduzidos para o paço real com toda a solemnidade indo as duas caixas em uma liteira.

Baixou ao pateo a recebel-as, um veador da rainha, sendo levadas as mencionadas caixas por quatro reposteiros, estando postados na escada os soldados da guarda.

Ao mestre da camara do nuncio que foi ao paço participar a chegada das faxas, foi dado um collar, que lhe entregou o porteiro da camara da rainha, Domingos de Aguiar, sendo igualmente gratificados os lacaios do nuncio com uma quantia em moedas de ouro.

Por occasião do nascimento da infanta, á qual eram destinadas estas faxas, houve festejos publicos, incluindo jogos de canas, etc.

Porto.

Manoel M. Rodrigues.

MUSICOGRAPHIA MASCARÓ PARA CEGOS E VIDENTES

L'aveugle voit dans l'ombre un monde de lumiere.

VICTOR HUGO.

O dr. Mascaró, que tem dedicado uma boa parte da sua vida e dos seus estudos, ao ensino dos cegos, inventou ultimamente um methodo de escrever musica por meio de letras do alphabeto, caracteres romanos e algarismos, que simplifica extraordinariamente o estudo da musica, como facilmente se comprehende á vista da musica que publicamos, escripta pelo novo methodo Mascaró e das explicações que se seguem.

Instrucções geraes para a decifração de qualquer trecho musical escripto pelo systema Mascaró

Os signaes representativos dos accidentes da clave são os que se encontram em primeiro logar. O compasso marca-se como na musica ordinaria. Em seguida vem o signal da clave que é indicado pelo numero da oitava em que se começa. As oitavas marcam-se pelos numeros romanos **I, II, III, IV, V, VI** e **VII**. As sete notas da escala indicam-se pelas suas letras iniciaes **D**o, **R**e, **M**i, **F**a, **S**ol, **L**a, **S**i ou **C**i. O valor das notas indica-se por meio de accentos collocados sobre as respectivas letras iniciaes da forma seguinte: o accento circumflexo marca as semibreves e semicolcheias, o accento grave as minimas e fuzas, o accento agudo as seminimas e semifuzas. As colcheias e tremifuzas não se accentuam. D'esta duplicidade não pode resultar confusão visto que pelo compasso se sabe as figuras que devem existir, alem de que se póde evitar este duplo emprego nos impressos, invertendo os accentos acima mencionados para as semicolcheias, fuzas e semifuzas. As pausas indicam-se pela letra **P** com o accento respectivo ao valor da nota cujo silencio representam. Os accordes marcam-se com algarismos, contando-se no piano, de cima para baixo os accordes na mão direita e de baixo para cima os accordes na mão esquerda.

Brevemente será publicado o hymno da Carta Constitucional, que os proprietarios-editores da casa Sassetti gentilmente auctorisaram a ser impresso n'este systema de musica. Esperamos vêr em pouco adoptada esta nova notação musical, que se recommenda geralmente pela facil e rapida comprehensão, nas aulas e escolas das classes populares.

O cego sr. Marcos Barreiros, professor do Instituto Mascaró, já tem ensinado varios individuos cegos e videntes por este novo systema de musica, e dá todas as informações necessarias na rua do Alecrim n.º 20, rez-do-chão, onde se acha das 3 ás 5 horas da tarde, todos os dias uteis.

Lisboa, março de 1899.—*A. Mascaró*, filho. Reservados todos os direitos de reproducção e propriedade artistica e litteraria.

Recebemos e agradecemos:

Revistas antigas e modernas:

Ser-nos-hia extremamente agradavel o referirnos miuda e especificadamente a cada uma das revistas que nos dão a honra da sua visita. Entre ellas algumas ha que nos concedem essa cortezia pela primeira vez e a essas nos referiremos tambem em primeiro logar, desejando-lhes cordialmente prospera e longa publicação.

Revista de direito internacional, diplomatica e consular. E' seu director o sr. Albertino da Veiga Preto Pacheco e editor o sr. Decio Carneiro.

No seu programma a nova revista lisbonense promette tratar de todos os assumptos relativos á sua especialidade e apresenta uma formosa lista de collaboradores, em que se lêem os nomes mais cotados entre nós.

Ainda não recebemos o segundo numero.

Ave Azul é uma elegante revista de arte e critica que se publica em Vizeu e tem por directores a D. Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos, dois finos espiritos, cuja orientação se nos affigura brilhantissima. Assim alcancem o devido incitamento que não podemos negar-lhes.

Tribuna. Alcança já o numero 4 esta revista editada e gerida pelo sr. A. J. Peres Avellanoso. Sem pretensões de especie alguma, o novo periodico merece applausos, que sinceramente lhe offerecemos.

Passatempo, publicação semanal, charadistica e litteraria. E' de Aveiro que sae este semanario, onde o seu primeiro numero se publicou em 5 de fevereiro findo.

A Saude, revista mensal sobre tratamentos naturaes. Vê a luz em Caldas de Monchique, sendo impressa em Lisboa e dirigida pelo sr. dr. João Bentes Castel-Branco.

A Arte. Uma das mais elegantes revistas portuguezas, contando uma extensissima lista de collaboradores litterarios e artisticos. Acha-se no seu segundo anno e tem por directores os srs. Julio Lobato e Verediano Gonçalves, do Porto.

A Tradição. Interessantissima revista mensal de ethnographia portugueza, illustrada, dirigida pelos srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, de Serpa. Temos presente o seu segundo numero. E' digna dos maiores elogios pela lacuna que veiu preencher.

La Revue illustrée du Portugal. Continua esta magnifica revista diplomatica illustrada a ser publicada sob a esclarecida direcção do sr. Carlos Lisboa, que a redige proficientemente em francez.

Educação Nacional. Particular apreço nos merece esta revista pedagogica portuense, pelos bellos artigos que a politica do ensino tem inspirado ao seu director, o sr. Antonio Figueirinhas, que a uma nobilissima isenção ajunta indiscutivel competencia nos assumptos relativos á instrucção.

Portugal Agricola. E' bem conhecido este conceituado periodico agricola lisbonense dedicado propugnador dos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias. Dirige-o o nosso distincto agronomo sr. Achilles Ripamonti, que é secundado por uma pleyade de escriptores peritos em assumptos agrarios.

A Agricultura Contemporanea. Egualmente digna de especial menção pela auctoridade dos seus artigos e isenção da sua conducta. Entre outros trabalhos que vem publicando nos seus ultimos numeros não deixaremos de citar como valiosos e interessantes os que se referem á *Gaffa da azeitona* e o da *Amendoeira.*

O Instituto. Esta antiquissima revista scientifica e litteraria de Coimbra inaugurou com o numero de janeiro do corrente anno o seu volume XLVI. Tão longa vida é pregão de honra que echoa retumbantemente. Continua com a mesma commissão de redacção do volume anterior, o que é promessa de escolhida e selecta collaboração.